

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências

FRAGMENTAÇÃO, VITALISMO E IMANÊNCIA: CONSISTÊNCIA
FILOSÓFICA E EXPERIÊNCIA DE PENSAMENTO EM CLARICE LISPECTOR
E MAURICE BLANCHOT

Adriano Henrique De Souza Ferraz

Projeto de pesquisa apresentado ao
Programa de Pós-Doutorado da
UFSCar. Supervisora: Prof^a Dr^a Débora
Cristina Morato Pinto.

Outubro de 2023

Resumo: Há uma relação notável entre dois escritores que se avizinham na descrição da experiência abismal da escrita: Maurice Blanchot e Clarice Lispector. Contemporâneos e partícipes da mesma crise das representações e da modernidade, ambos se debruçam sobre o ser da linguagem e criam um exercício do pensamento a partir de um lugar de estranhamento e alteridade. A análise deste *outro* insurgente em seus escritos nos impele a uma aliança entre filosofia e literatura, bem como nos traz à tona o plano de imanência em que habitam. Ambos se valem de um procedimento de esvaziamento da escrita, utilizando o desaparecimento e a fragmentação em suas criações literárias. O presente trabalho busca analisar os aspectos filosófico-literários da relação entre Clarice e Blanchot para compreender as suas similitudes e diferenças em torno de três aspectos fundamentais: o plano de imanência de que partem, a hipótese de um vitalismo nietzschiano e a exigência fragmentária que expressa a alteridade radical do *neutro*.

Palavras-chave: Escrita Fragmentária, Maurice Blanchot, Clarice Lispector, Neutro, Literatura

Fragmentation, Vitalism and Immanence: philosophical consistency and thought experience in Clarice Lispector and Maurice Blanchot

Abstract: There is a notable relationship between two writers who approach each other in describing the abysmal experience of writing: Maurice Blanchot and Clarice Lispector. Contemporaries and participants in the same crisis of representations and modernity, both focus on the being of language and create an exercise of thought from a place of estrangement and alterity. The analysis of this other insurgent in his writings impels us to an alliance between philosophy and literature, as well as brings to light the plane of immanence in which they inhabit. Both make use of a writing emptying procedure, using disappearance and fragmentation in their literary creations. The present work seeks to analyze the philosophical-literary aspects of the relationship between Lispector and Blanchot in order to understand their similarities and differences around three fundamental aspects: the plane of immanence from which they depart, the hypothesis of a Nietzschean vitalism and the fragmentary demand that expresses the radical alterity of the neutral.

Key words: Fragmentary Writing, Maurice Blanchot, Clarice Lispector, Neuter, Literature.

Enunciado do Problema:

Entre Maurice Blanchot e Clarice Lispector há um campo de similitudes, paralelismos e linhas de força ainda a ser explorado. Podemos nos debruçar sobre seu contexto\formação, estilo, intertexto, escrita e mesmo ontologia e encontraremos relações promissoras entre ambos. Blanchot e Clarice são escritores que escavam o texto, dissecam a palavra e escarnificam o sentido para fazerem nascer o estranho das fissuras abertas no sujeito elidido. Isto se dá por meio de uma escrita sempre no limiar do sentido¹. Há em ambos uma vizinhança, uma consistência estético-ontológica coerente com a exigência fragmentária que se propõem. Tal relação demanda um aprofundamento conceitual a fim de se verificar sua real consistência e relevância ao pensamento contemporâneo.

O campo intertextual que se abre entre Clarice e Blanchot é pleno de correlações: estética do fracasso, esvaziamento, desastre, desaparecimento. Maurice Blanchot se vale tanto da escrita de ficção como da crítica literária para investigar os efeitos do não sentido na crise da modernidade e da subjetividade. Em suas obras o campo teórico e a experiência literária se justapõem e os seus procedimentos de escrita e experiências de pensamento produzem uma narratividade fragmentária e um vitalismo de outro gênero, mais nietzschiano e obscuro que o vitalismo de Bergson. No ensaio “*Bergson et le Symbolisme*” (*Faux Pas*, 1943) Blanchot instaura de saída uma ruptura com o filósofo da duração, salientando o equívoco que consiste em associá-lo ao movimento da poesia e da arte simbolista. Mais à frente, contudo, em sua obra *O Livro Por Vir* (1959), ocorrerá uma incorporação crítica de alguns conceitos de Bergson, nos dando a ver uma nova leitura realizada por Blanchot em direção à sua interpretação do tempo literário.

Clarice Lispector, por sua vez, desenvolve sua escrita romanesca evocando a mesma crise do sujeito e da modernidade por meio de um procedimento de escrita onde se ressalta a experiência do fluxo de consciência. Evoca autores como James Joyce, Katherine Mansfield, Virgínia Woolf, Herman Hesse, mas também filósofos como Espinosa, Nietzsche e Bergson. Assim como Blanchot, nos anos 60 se encontra mais fortemente com uma experiência fragmentária de escrita. Gilda de Mello e Souza capta a singularidade de Clarice Lispector em seu belo artigo, “O Vertiginoso Relance”², ao descrever Clarice como pensadora do instante. Diz Gilda:

Para Clarice Lispector um instante será suficiente para toda a narrativa. E a sua tarefa vai ser,

¹ MARTENDAL, A. *A Escrita no Limiar do Sentido*. São Paulo: Escuta, 2007. p. 25. “Clarice é inquieta e impelida sempre a fazer algo acerca desse lugar que denominei limbo, do qual o sujeito não pode ser arrancado para que retorne à vida, vida cruel.”

² MELLO E SOUZA, G. “O Vertiginoso Relance” In: *Comentário*. Rio de Janeiro, 1963.

justamente, a de narrar esses “momentos que não se narram”, de dar relevo aos “momentos que não contam” e que em geral deixamos escapar, porque acontecem enquanto estamos desprevenidos. – No entanto, só eles são significativos, pois revelam o que de mais profundo há em nós, o nosso “final tamanho”. Seu objetivo será (para lhe aplicar a sua própria imagem reveladora) surpreender num lúcido lampejo todo o sentido da vida, “com essa ânsia de peixe de boca aberta que o afogado tem antes de morrer”.³

Tal reflexão se aproxima sobremaneira da reflexão sobre o tempo que Blanchot produz em *O Livro Por Vir* (1959), onde utiliza uma série de exemplos para tratar da temporalidade própria da escrita e entre eles evoca Proust como um dos mais significativos:

[...] o tempo está abolido, já que, numa captura real, fugidia mas irrefutável, agarro o instante de Veneza e o instante de Guermantes, não um passado e um presente, mas uma mesma presença que faz coincidir, numa simultaneidade sensível, momentos incompatíveis, separados por todo curso da duração. Eis, portanto, o tempo apagado pelo próprio tempo; eis a morte, essa morte que é obra do tempo, suspensa, neutralizada, tornada vã e inofensiva. Que instante! Um momento “*liberto da ordem do tempo*”.⁴

Ambos habitam a região da narrativa cuja experiência principal é levar a escrita ao limite do que pode ser dito no espaço-tempo da linguagem segundo a condição de ‘impossibilidade’ própria da narrativa⁵. Limite também da interpretação e da experiência leitora que revelam no princípio de desaparecimento do autor a tendência da literatura ao seu grau zero⁶. Limite, por fim, da voz narrativa entre aquilo que representa e o ato de representar. Como “esgotamento essencial” do fenômeno literário em direção ao inexorável, esgotamento do sujeito que se distancia de sua própria identidade e das categorias que soçobram pela proliferação e excesso de imagens, e, em virtude deste esgotamento geral da experiência e da vida, instaura-se uma *crise do sentido* no limite dos paradoxos trazidos à cena literária.

Estas sucessivas rupturas narrativas, que caracterizam uma expansão do campo literário em direção ao filosófico, nos levam ao objetivo central de nossa investigação que é a elucidação de três eixos que parecem evidenciar a consistência filosófica que atravessa o pensamento de Maurice Blanchot e Clarice Lispector: *imanência, vitalismo e fragmentação*. Tratemos agora de cada um

³ *Ibidem*.

⁴ BLANCHOT, M. *O Livro Por Vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 16-17.

⁵ Cf. BLANCHOT, M. *Thomas, L’Obscur*. Paris, Gallimard, 1950. p. 114 - 116. (Tradução de Rogério Confortin contida em anexo à sua tese: *Teatralidade e Gestualidade em Clarice Lispector e Maurice Blanchot*. Florianópolis: UFSC, 2009. p. 460) “Penso, logo não existo [Je pense, donc je ne suis pas]” [...] “Eu penso: diz Thomas, e este Thomas invisível, inexprimível, inexistente que eu me torno, faz com que de agora em diante eu não esteja nunca aí onde eu estava, e que não haja aí nada de misterioso. Minha existência torna-se inteira aquela de um ausente que, a cada ato que eu cumprisse, se produzia o mesmo ato aí não se cumprindo”.

⁶ Cf. PAVINI, R. “O “Desaparecimento do Autor” Como Abertura Para o Pensamento em Blanchot e Foucault”. In: *Dissertatio*, nº54, 2021. p. 165-188. Ver também BLANCHOT, M. *O Livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 285.

destes eixos.

Imanência

Salta aos olhos do leitor de Clarice, desde seu livro inaugural, a mobilização de três pensadores que se distinguem dos demais por uma característica primordial: a imanência. Em *Perto do Coração Selvagem* (1943), Nietzsche, Bergson e Espinosa são convocados aos agenciamentos literários claricianos. Há um desejo de diálogo filosófico e investigação especulativa no interior da sua narrativa, que, no entanto, não se faz por meio do discurso filosófico convencional. Os conceitos figuram-se em imagens provindas de uma experiência de escrita imbuída de uma força de exterioridade na região limite do sentido com o não-sentido. Esta característica de um pensamento que se vale de imagens-conceitos fugidios e paradoxais como *neutro, deserto, instante, silêncio, vazio, murmúrio, acaso* etc., é também um dos aspectos centrais da forma pela qual Blanchot constrói seu pensamento crítico e literário. Como poderemos afirmar imanentes estes pensamentos produzidos numa região de exterioridade pura? Como entender este algo que, sendo imanente, é, no entanto, completamente outro?

A psicanálise explicaria tal oxímoro mostrando que existe no interior do sujeito algo que, a despeito de não se tratar de si próprio, é mais que ele mesmo: um inconsciente, um lugar da existência em que existo onde não penso, ou então, que penso onde não sou⁷. Contudo, para os autores em questão, se trata menos da busca de um interior do que de uma exterioridade, um fora. Tanto Clarice como Blanchot buscam a ambiência de um lugar em que deixo de falar por mim para fazer com que algo impessoal fale em mim. Blanchot concebe a tarefa do escritor como um *pacto de não interferência na própria voz narrativa* a fim de que este outro emerja, como na livre associação psicanalítica ou na escrita automática do surrealismo⁸. Contudo, a definição mais clara deste paradoxo da imanência do outro vem da filosofia de Gilles Deleuze em seu artigo *Imanência, uma vida...*:

A imanência absoluta é em si mesma: não está em alguma coisa, não é imanência a alguma coisa, não depende de um objeto e não pertence a um sujeito. Em Espinosa, a imanência não é imanência à substância, mas a substância e os modos estão na imanência. [...] Dir-se-á da pura imanência que ela é UMA VIDA, e nada mais. Ela não é imanência à vida, mas a imanência que não está em nada e é ela mesma uma vida. Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é potência, beatitude completa.⁹

⁷ Cf. BLANCHOT, M. *Op. Cit.* 1950, p. 114-115. Ver também LACAN, J. *O Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise (1954-1955). (O Seminário, 2)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 9 – 22.

⁸ Cf. CURADO, M. G. *Interfaces Estéticas em Clarice Lispector*. Goiânia: Editora UFG, 2010.

⁹ DELEUZE, G. “Imanência, uma vida...” Trad. Sandro Kobol Fornazari. *Limiar*, vol.2, nº4 – 2016, p. 178-181.

Vemos no último artigo que Deleuze escreveu a definição de uma potência autodeterminada da vida como fundo da atividade vital que não se refere nem ao sujeito nem ao objeto. O campo da virtualidade e da imanência é, portanto, *neutro*. Não é outra a caracterização que Clarice dá ao domínio de sua escrita: uma vida que lhe ultrapassa e se coaduna com certo regime de morte. “[...] por um átimo experimentei a vivificadora morte. A fina morte que me faz manusear o proibido tecido da vida”¹⁰. Blanchot endossa e complementa: morte que se realiza num espaço criador, ou seja, que é também uma vida¹¹.

[...] aquilo que os poetas fundam, o espaço – abismo e fundamento da palavra –, é o que não permanece, e a estadia [*séjour*] autêntica não é o abrigo onde o homem se preserva, mas a relação com o perigo [*l’écueil*], pela perda e pelo abismo, e com a “*memorável crise*” que, somente ela, permite atingir o **vazio movente**, lugar onde a tarefa criadora começa.¹²

Certamente, tanto em Blanchot quanto em Clarice, se encontram traços do existencialismo e da fenomenologia pois estão em diálogo com a filosofia de seu contexto (o conceito de mundo, o negativo, a morte, o cotidiano, o vivido, o aberto). Contudo, a marca nietzschiana em ambos é indelével e se torna um ponto de convergência para suas obras, nódulo ou quiasma onde determinação e indeterminação engendram uma dinâmica autopoietica da escrita literária. Portanto, não cabe em Blanchot ou Clarice um *ser-para-a-morte* heideggeriano, haja vista a natureza imanente a si própria e produtiva disto a que se referem como morte. Ambos procuram chegar o mais próximo da região onde do caos emerge uma forma, mas também onde as forças soçobram em seu retorno ao indeterminado. Em que momento saímos do mundo das coisas, da realidade cotidiana, para habitar este reino disforme da imanência, “sem espaço” e “sem tempo”¹³, onde tudo ainda está por vir? Esta é uma questão central no pensamento de Clarice. Um *outro* que aparece no espaço de hiância, no duplo, na fragmentação, no vazio intersticial e se realiza como sombra no mundo, crivando em tudo o espectro ausente da “matéria” neutra.

¹⁰ LISPECTOR, C. *Op. cit.* 2020, p. 13.

¹¹Cf. DELEUZE, G. *Op. cit.* 2016, p. 179. Sobre como vida e morte se encontram na imanência: “Ninguém melhor que Dickens narrou o que é *uma vida*, levando em conta o artigo indefinido como índice do transcendental. Um canalha, um mau sujeito desprezado por todos cai agonizante e eis que aqueles que cuidam dele manifestam uma espécie de solicitude, de respeito, de amor pelo menor sinal de vida do moribundo. Todo mundo se ocupa em salvá-lo, ao ponto em que no mais profundo de seu coma o próprio infame sente alguma coisa doce lhe penetrar. Mas, à medida que ele retorna à vida, seus salvadores se fazem mais frios, e ele recobra toda sua grosseria, sua maldade. Entre sua vida e sua morte, há um momento que não é mais aquele de *uma vida* jogando com a morte. A vida deu lugar a uma vida impessoal e, no entanto, singular que depende de um puro acontecimento liberado dos acidentes da vida interior e exterior, isto é, da subjetividade e da objetividade do que acontece”.

¹² BLANCHOT, M. *Op. cit.* 2005, p. 350.

¹³ LISPECTOR, C. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro, Rocco, 2019b. p. 128. “A noite densa e escura foi cortada ao meio, separada em dois blocos negros de sono. Onde estava? Entre os dois pedaços, vendo-os – o que já dormira e o que ainda iria dormir –, isolada no *sem tempo* e no *sem espaço*, num intervalo vazio”.

[...] só o amor de todo o universo por mim poderia me consolar e me cumular, só um tal amor que a própria célula-ovo das coisas vibrasse com o que estou chamando de um amor. Daquilo a que na verdade chamo mas sem saber-lhe o nome.

Terá sido o amor o que vi? Mas que amor é esse tão cego como o de uma célula-ovo? foi isso? aquele horror, isso era amor? amor tão neutro que – não, não quero ainda me falar, falar agora seria precipitar um contido como que depressa se imobiliza na segurança paralisadora de uma terceira perna.¹⁴

O neutro é um dos conceitos mais importantes, senão o mais importante, que Blanchot e Clarice compartilham. Em ambos ele exerce uma função semelhante: descrever, a despeito da precariedade que evoca, o estofado subterrâneo da realidade que só aparece onde o mundo não sustenta mais o véu analgésico do sentido. Podemos associá-lo ao conceito lacaniano de real¹⁵, que, não tendo determinação própria nem organização, apenas rumor e latência, projeta no mundo uma sombra de instabilidade e desagregação. Um *outro* imanente ao mesmo. Ir mais além, “preto do coração selvagem” da vida, ver o essencial no mais banal, recusar as certezas em prol do espanto, não se deixar obscurecer pela trivialidade à qual o dia a dia convida incessantemente, pressentir o mistério onde o óbvio parece se espantar, desejar algo a mais quando a satisfação se mostra aparentemente total, indagar os fatos cuja eloquência adquire o status da suficiência: em suma, desfazer o sentido onde ele se quer mais cabal, aspirar obtê-lo onde ele resiste, opaco. Trata-se de uma verdadeira metodologia que se acha em jogo aqui: por um lado, aumentar o gradiente de enigma inerente ao visível, cuja legitimidade é questionada; por outro, dirigir-se a um horizonte inesperado pelo gozo da diferença mais radical.¹⁶

Em Clarice é constante e perturbadora a menção a “o Deus”. Contudo esta evocação traz em si um estranhamento em relação a teologia cristã. Pois em seus textos se trata menos do Deus abraâmico do que da imanência espinosista, razão pela qual o Deus de Clarice é um Deus surdo, *neutro*, cruel, indiferente, que, em suma, desapareceu e deixou em seu lugar tal vazio, tal horror (objeto deste amor *outro* de G.H., desta paixão trágica pela derrocada que é a vida)¹⁷. Este mesmo ponto nodal, umbral do tempo indeciso e da “matéria cega e hostil do mundo”¹⁸, será lido por

¹⁴ LISPECTOR, C. *Op. cit.* 2020, p. 17.

¹⁵ Cf. LACAN, J. “O simbólico, o imaginário e o real” In: *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: JZE, 2005.

¹⁶ JORGE, M. A. C. “O neutro e o real: para além da realidade”. In: *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Vol. 2: A Clínica da Fantasia. Rio de Janeiro, Jahar, 2022. p. 278.

¹⁷ NUNES, B. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quiron. 1989. p. 69. “Na visão imanentista que a narradora, numa experiência agônica, sobrepõe penosamente ao salvacionismo cristão mais reinterpretado do que anulado, Deus e o homem situar-se-iam num mesmo plano ontológico, conservando-se embora a carência do último, já com um sentido trágico, posto que a ação providencial e a transcendência de Deus foram substituídas pela existência substantiva pura e pela atualidade do ser.”

¹⁸ STAROBINSKI, J. “Thomas L’Obscur, Chapitre Premier”. In *Critique*. n° 229, Paris: Editions de Minuit, 1966. p. 503. “[...] Blanchot ne se transporte pas d’une pensée preexistente vers une série de signes imagés de cette pensée: l’image apparaît ici comme le minimum de “corps” nécessaire pour que la pensée se perçoive comme pensée. Ce serait

Blanchot como o olhar da obscuridade e da fascinação¹⁹. O neutro, segundo Clarice, é este algo (“it”, “x”, “coisa”, “matéria viva e úmida”, “real”, “carne infinita”, “quarta dimensão do instante-já”) indeterminado e incomunicável ao qual só nos aproximamos já perdendo a possibilidade de compreendê-lo em sua totalidade. Eis porque é preciso lançar-se no movimento de fragmentação e elisão das identidades e sentidos para trazer de alguma maneira algo de seu ser, ou melhor, de seu não-ser, da evidência de sua rarefação, em sua insipidez. “[...] a vida tem o puríssimo gosto do nada. [...] A essência é de uma insipidez pungente”²⁰.

O meio pelo qual ainda é possível se lançar neste processo de desidentificação criadora sem soçobrar na desintegração total da identidade e na loucura, é justamente o drama²¹ que a escrita realiza: a transformação da matéria intensa da imanência em matéria de expressão por meio da concretude da palavra²². A escrita não só dá forma – e em Clarice muitas vezes uma forma caleidoscópica²³ – a esta espécie de matéria incapturável do real, da imanência, mas propicia também o mergulho, o atravessamento ao avesso do vivido e seu retorno de tal mergulho como saúde. “Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do que está atrás do pensamento”²⁴.

Atrás do pensamento atinjo um estado. Recuso-me a dividi-lo em palavras – e o que não posso e não quero exprimir fica sendo o mais secreto dos meus segredos. Sei que tenho medo de momentos nos quais não uso o pensamento e é um momentâneo estado difícil de ser alcançado, e que, todo secreto, não usa mais as palavras com que se produzem pensamentos. Não usar palavras é perder a identidade? é se perder nas essenciais trevas daninhas?

Perco a identidade do mundo em mim e existo sem garantias. Realizo o irrealizável, mas o irrealizável eu vivo e o significado de mim e do mundo e de ti não é evidente. É fantástico, e lido comigo nesses momentos com imensa delicadeza. Deus é uma forma do ser? é a abstração que se materializa na natureza do que existe? Minhas razões estão nas trevas divinas. Raízes sonolentas. Vacilando nas escuridões.²⁵

gravement trahir l’intention de Blanchot que d’interpréter la mer comme un *autre* methaphysique. Il est essentiel que ce soit là un autre matériel, un dehor physique: la **matière aveugle et hostile du monde**”.

¹⁹ BLANCHOT, M. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b, p. 21.

²⁰ LISPECTOR, C. *Op. cit.* 2020, p. 174.

²¹ Cf. DELEUZE, G. “O Método de Dramatização” In *Ilha Deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2004, p. 131.

²² GUERON, R. “O Pássaro Duchaniano de Deleuze e Guattari” In: *Trágica: estudos de filosofia da Imanência* v. 8, n. 3, 2015, p.36. “É a transformação da matéria em “matéria de expressão” que vai marcar a arte como uma espécie de evento-chave no pensamento de Deleuze e Guattari. Mas a matéria de expressão que emerge desta espécie de virada da matéria não parece designar apenas o que constitui a arte, mas também o que constitui a própria linguagem. Ou seja, há uma proximidade entre o “evento linguagem” (expressão nossa) e o “evento arte”, que nos chama atenção”.

²³ DELEUZE, G. “Hélène Cixous ou a escrita estroboscópica” In *A Ilha Deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2005. p. 320.

²⁴ LISPECTOR, C. *Op. cit.* 2019a. p. 30. Ver também DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 11. “Beckett falava em “perfurar buracos” na linguagem para ver e ouvir “o que está escondido atrás”.

²⁵ *Ibidem*, p. 75.

Sondar o espaço da escrita é morrer²⁶. Mas o que significa este morrer que não é o de um ser-para-a-morte, onde não há dasein nem doação de sentido para o mundo, mas sim uma forma de imanência²⁷? Segundo Blanchot, a morte é o signo da exterioridade pura à qual somos imanes quando escrevemos. Reencontrar a morte por meio da escrita é reencontrar este algo *outro*, outro até para a própria morte²⁸, e que nos entrega a experiência limite do deixar de ser, da desrealização, do esquecimento, do desidêntico de si próprio que a linguagem pelo seu poder de paradoxo cria.

O que pretende a escrita? Libertar-nos do que é. E o que é é tudo, mas é primeiro a presença das “coisas sólidas e preponderantes”, tudo o que para nós marca o domínio do mundo objetivo. Essa libertação se realiza graças à estranha possibilidade que temos de criar o vácuo ao nosso redor, de colocar uma distância entre nós e as coisas. Essa possibilidade é autêntica porque está ligada ao sentimento mais profundo da nossa existência, a angústia, dizem uns, o tédio, diz Mallarmé. Vimos que ela corresponde exatamente à função da escrita, cujo papel é substituir a coisa por sua ausência, o objeto por seu “desaparecimento vibratório”. A literatura tem por lei esse movimento na direção de outra coisa, na direção de um *para-além* que, no entanto, nos escapa, já que não pode ser, e do qual só retemos “para nós” que “o consciente falta”. É então essa falta, esse vazio, esse espaço vago que é objeto e a própria criação da linguagem.²⁹

Não se trata, portanto, de uma morte que encerra a vida, mas que a encontra mais intensa pelo extravasamento do *outro*, do *neutro*, da *matéria*, da *imanência*, pelas fissuras da escrita. Um morrer fiel à “grande morte” impessoal que a morte própria aniquilaria³⁰. Reencontrar o lugar em que o estranho elidiu o sentido que mantém o mundo e a realidade vivida unidas, coerentes, bonitas e bem comportadas. Eis porque Deleuze afirma que o grande poder *menor* da literatura e sua relação intrínseca a uma ontologia política está relacionado a este estado em que deixo de ser eu para devir um outro.³¹

Vitalismo Obscuro

Afirmamos que Blanchot e Clarice estão muito próximos em seu campo estético-ontológico. Uma destas proximidades notáveis é o uso ambíguo que fazem do bergsonismo, tornando-o assaz

²⁶ BLANCHOT, M. *Op. cit.* 2011b, p.31. “Quem sonda o verso morre, reencontra a sua morte como abismo”.

²⁷ *Ibidem*, p. 132-134. “[...] deve não só existir morte para mim no último momento, mas morte desde que vivo e na intimidade e profundidade da vida. A morte faria, portanto, parte da existência, viveria em minha vida, no mais íntimo de mim”.

²⁸ *Ibidem*, p. 135. “Como proceder para morrer sem trair essa potência suprema que é a morte? Dupla tarefa, portanto: morrer de uma morte que não me traia – morrer eu mesmo sem trair a verdade e a essência da morte”.

²⁹ BLANCHOT, M. *A Parte do Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011a. p.47.

³⁰ Cf. BLANCHOT, M. *Op. cit.* 2011b, p. 136.

³¹ DELEUZE, G. *Op. cit.* 1997, p. 14-15. “[...] Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados. [...] Embora remeta sempre à agentes singulares, a literatura é agenciamento coletivo de enunciação. A literatura é delírio, mas o delírio não diz respeito a pai-mãe: não há delírio que não passe pelos povos, pelas raças e tribos, e que não ocupe a história universal. [...] O delírio é uma doença, a doença por excelência a cada vez que erige uma raça pretensamente pura e dominante. Mas ele é a medida da saúde quando evoca essa raça bastarda e oprimida que não para de agitar-se sob as dominações, de resistir a tudo que esmaga e aprisiona e de, como processo, abrir um sulco para si na literatura”.

meontológico, ultrapassando seus pressupostos originais em direção a este outro domínio da experiência, qual seja, o da morte e da ausência de tempo imanentes à escrita literária. Conhecemos em Blanchot o movimento desta ambiguidade no capítulo final de *O Livro por Vir* (1959), onde trata da estrutura do espaço literário como um lugar em que a linguagem emula um espectro negativo do bergsonismo: tempo sem duração, elã sem vida, movimento sem memória³².

Não há em Clarice um momento sequer que não evoque a vida como potência imanente a si mesma. Sua obra se abre para um vitalismo de outro gênero, na esteira da crítica à modernidade, à subjetividade e às representações. Isto porque, tal como em Blanchot, ainda que tome uma distância conceitual considerável em relação ao pensador de *Matéria e Memória*, não deixa de manter em si linhas de força caras ao bergsonismo, como a ideia de um impulso vital e a precariedade da linguagem na produção de um conhecimento da duração. No capítulo “Alegrias de Joana” em *Perto do Coração Selvagem*, Clarice nos dá uma amostragem de seu teor bergsonista:

Definir a eternidade como uma qualidade maior de tempo e maior mesmo do que o tempo que a mente humana pode suportar em ideia também não permitiria, ainda assim, alcançar sua duração. Sua qualidade era exatamente não ter quantidade, não ser mensurável e divisível porque tudo o que se pode medir tinha um princípio e um fim. Eternidade não era a quantidade infinitamente grande que se desgastara, mas eternidade era a sucessão.³³

Este capítulo do romance inaugural da escritora versa sobre a memória da infância e ao modo como a ela concebe o pensamento e a subjetividade diurnas: a música, a visão que intui as coisas nelas mesmas, os sonhos claros e a memória viva. Contudo, logo se desenha um quadro bastante diferente desta luminosidade alegre. Joana será afetada pelo delírio de uma voz estranha, de um grande murmurar: “bastava uma pequena pausa, um pouco de silêncio, para ele agigantar-se e surgir em primeiro plano, os olhos abertos, o murmúrio leve e constante como o de água entre pedras. [...] Aconteciam-lhe coisas vindas de fora. Mas apenas vinham adensar ou enfraquecer o murmúrio do seu centro”³⁴. Tal murmúrio imperativo, como um duplo, acabou por dividir Joana em uma profunda desidentificação de si, onde não mais se reconhecia. Começa então o seu roteiro

³² FERRAZ, A.H.S. “De um bergsonismo sem duração, sem memória, sem élan” In: *Para uma Estética do Desaparecimento em Maurice Blanchot*: a diferença interna da morte, a forma vazia do tempo e como Gilles Deleuze empregou estes conceitos. Tese. Guarulhos: Unifesp, 2018. p. 107 “[...] O Abismo da noite sem fundo e o retorno involuntário das imagens até podem ser comparáveis a todo o campo virtual do processo de duração bergsoniana, contudo os sentidos das duas doutrinas são inversos. Se Bergson depende da subjetividade e da interioridade para a produção das imagens, Blanchot reafirma a autonomia e a monstruosidade de uma linguagem sem sujeito, de uma subjetividade que se desmancha e não ressurgir senão por uma voz que não é a sua, mas de uma exterioridade absoluta”.

³³ LISPECTOR, C. *Op. cit.* 2019b, p. 42.

³⁴ *Ibidem*, p. 72.

agônico³⁵ e com ele uma sequência de conceitos que não se coadunam ao bergsonismo: o sem-tempo e sem-espaço³⁶, instante e simultaneidade³⁷, silêncio e abismo³⁸, “substância cega” e “nova matéria”³⁹.

A Paixão segundo GH é uma narrativa inteiramente voltada para esta busca do “plasma neutro”, da “matéria primordial”⁴⁰. Clarice utiliza aqui termos outros para descrever isto que chamaremos de *vitalismo obscuro*: deserto⁴¹, a boca real⁴², célula-ovo do caos⁴³, amor neutro⁴⁴, carne infinita⁴⁵ etc. “[...] como se eu tivesse cavado e cavado com dedos duros e ávidos até encontrar em mim um fio bebível de vida que era o de uma morte”⁴⁶. À vida que se afirma face ao horror revelado pela experiência profunda Clarice chama de amor. Tal paixão radical pela existência é a colocação em cena de um *amor-fati* nietzschiano. Amor até pelo que me perturba, me incomoda e me dilacera. Isso que me consome e que também nutre a vida maior em mim. Isso que me mutila, me fragmenta e me dissolve também faz parte da minha grande saúde. Aceito isto como amor porque a vida ela mesma (por conseguinte eu mesmo), é (sou) essa “ostra mole se contorcendo”, “viva e úmida”, nauseante, estupefaciente, entregue ao “coração das trevas”. Mas por que esta matéria vital (forçando novamente o bergsonismo além de seus limites) continua sendo objeto de uma obscuridade e de um enigma que diz respeito à morte? Pois tal matéria, mais *real* que a própria realidade, é incomunicável, incompreensível, irrepresentável por meio do discurso⁴⁷.

³⁵ *Ibidem*, p. 75. “[...] a ausência de si mesma acabou por fazê-la cair dentro da noite e pacificada, escurecida e fresca, começou a morrer. Depois morreu docemente, como se fosse um fantasma. Não se sabe de mais nada porque ela morreu. Adivinha-se apenas que no fim ela também estava sendo feliz como uma coisa ou criatura podem ser. porque ela nascera para o essencial, para viver ou morrer. E o intermediário era-lhe o sofrimento. Sua existência foi tão completa e tão ligada à verdade que provavelmente na hora de entregar-se e findar, teria pensado, se tivesse o hábito de pensar: eu nunca fui. Também não se sabe o que se fez dela. A uma vida tão bela deve ter-se seguido uma morte bela também. Certamente hoje é grãos de terra. Olha pra cima, para o céu, durante todo o tempo. às vezes chove, ela fica cheia e redonda nos seus grãos. Depois vai secando com o estio e qualquer vento a dispersa. Ela é eterna agora.”

³⁶ *Ibidem*, p. 160.

³⁷ *Ibidem*, p. 188-189.

³⁸ *Ibidem*, p. 190-196.

³⁹ *Ibidem*, p. 197.

⁴⁰ LISPECTOR, C. *Op. Cit.* 2020. p. 96.

⁴¹ *Ibidem*. p. 55

⁴² *Ibidem*. p. 52

⁴³ *Ibidem*, p. 17.

⁴⁴ *Ibidem*. p. 61

⁴⁵ *Ibidem*. p. 12

⁴⁶ *Ibidem*, p. 52.

⁴⁷ Ora, não é uma caracterização tão distinta daquilo que o bergsonismo concebeu acerca da duração, entretanto não há aqui um esforço de deslegitimação desta experiência. Em Bergson, a metafísica da duração estabelecia a continuidade perpétua do devir e a verdade do tempo. O bergsonismo cria, portanto, uma filosofia da luminosidade, da intuição criadora, e interdita o acesso a uma experiência da obscuridade. A experiência em Clarice é de outra natureza. A autora

Segundo Renata Wasserman⁴⁸, o misticismo idiossincrático de Lispector acontece na região de “desapossamento do núcleo de identidade” em vista da “aceitação do mundo material”⁴⁹. E a visão desta vida material causa vertigem, náusea. Convém lembrar aqui a estranheza desta outra natureza e deste outro materialismo, pois não se trata simplesmente de um recuo à dimensão da física inorgânica, mas sim em direção a algo neutro que subsiste no limiar entre a existência e a inexistência, entre sentido e não-sentido. Ou seja, uma matéria diferencial na qual a experiência subjetiva se lança para fora de si mesma, um movimento exterior assubjetivo que se apresenta como força movente. A este movimento aberrante imanente ao sujeito, Deleuze e Guattari, aprofundando Antonin Artaud, chamaram de *corpo-sem-órgãos*:

Dir-se-ia que os fluxos de energia estão ainda muito ligados, que os objetos parciais são ainda orgânicos em demasia. [...] O corpo pleno sem órgãos é o improdutivo, o estéril, o inengendrado, o inconsumível. Antonin Artaud o descobriu, lá onde ele se encontrava, sem forma e sem figura. Instinto de morte é o seu nome, e a morte não fica sem modelo. Porque o desejo deseja também isso, a morte, pois o corpo pleno da morte é seu motor imóvel, assim como deseja a vida, pois os órgãos da vida são a *working machine*. [...] O corpo-sem-órgãos não é o testemunho de um nada original, nem o resto de uma totalidade perdida. E, sobretudo, ele não é uma projeção: nada tem a ver com o corpo próprio ou uma imagem do corpo. É o corpo sem imagem.⁵⁰

Vê-se aqui como Deleuze e Guattari pensam um outro tipo de impulso vital, de produção desejante, que leva em conta a imanência da morte e tem uma grande relevância em sua teoria do inconsciente. “Dir-se-ia que o inconsciente como sujeito real disseminou por todo o contorno do seu ciclo um sujeito aparente, residual, nômade, que passa por todos os devires correspondentes às disjunções inclusas”⁵¹. O corpo-sem-órgãos é um modelo de inconsciente em que a produção desejante não é apenas um constructo psíquico cristalizado, mas uma força de criação e destruição concomitantes. Ele funciona como o limite esquizofrênico da produção desejante que ora se liga às máquinas abstratas que compõem os devires subjetivos, ora repele, afasta e descontinua estas

escarnifica a palavra para mostrar suas vísceras, sua veia pulsante, seu limite irrepresentável como parte da matéria estranha onde se transforma em “it”, em grito, em enigma. Ao contrário do bergsonismo, não se recusa à palavra o acesso imediato à imanência, entretanto também não se nega que a irrepresentabilidade não pode ser superada. Pois se trata justamente de romper com o paradigma da representação para apresentar a palavra como experiência real, e não simbólica. Como se ela estivesse colocada não mais para ver, para sentir a experiência que narro, mas para inaugurar um outro lado da experiência, uma ordem aberrante, uma penumbra a rodear o mundo..

⁴⁸ WASSERMAN, R. “Clarice Lispector e o Misticismo da Matéria” In: *Clarice Lispector: novos aportes críticos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana. 2007.

⁴⁹ *Ibidem*. p. 76. Yudith Rosenbaum quando disserta acerca da função da pulsão de morte em Clarice Lispector (ROSENBAUM, Y. *Metamorfoses do Mal: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Edusp, 2006. p. 164) traz uma valiosa nota sobre o tema em Luiz Alfredo Garcia-Roza (*Acaso e Repetição em Psicanálise, uma introdução à teoria das pulsões*, p. 71) “O nirvana freudiano não é humano, não é sequer vital, já que a própria vida é vista como perturbação, como ‘rompedora da paz’; o estado de perfeito equilíbrio seria encontrado apenas no mundo inorgânico, antes de a vida ter feito sua emergência. Uma vez tendo se produzido esse desvio – a vida – seu destino natural não poderia ser outro senão o retorno ao inanimado. Para Freud, a idade de ouro não pertence aos deuses, mas à matéria”.

⁵⁰ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O Anti Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 20.

⁵¹ *Ibidem*, p. 437.

mesmas máquinas⁵².

Conceber esta estrutura estranha do inconsciente, oscilatória, plena de agenciamentos exteriores a si próprio, recusando a ideia de uma psique tão somente interior, implica uma certa relação com a ambiguidade da própria morte. Em *O Espaço Literário* (1955) Blanchot aprofunda esta ambiguidade e intempestividade impessoal da morte, ao que Deleuze & Guattari acrescentam:

Blanchot distingue bem este duplo caráter, estes dois aspectos irreduzíveis da morte: um pelo qual o sujeito aparente não para de viver e de viajar como *Se* [*On*], “não se para e não se acaba de morrer”; e o aspecto pelo qual esse mesmo sujeito, fixado como *Eu*, morre efetivamente, isto é, para finalmente de morrer, porque ele acaba por morrer na realidade de um derradeiro instante que assim o fixa como *Eu* desfazendo totalmente a intensidade, reconduzindo-a ao zero que ela envolve⁵³.

Clarice e Blanchot apontam para uma dimensão do ser mais profunda que a duração, para algo aquém do tempo, vazio, estranho, obscuro. Algo que o olhar da intuição revela de sinistro e nauseante no âmago do ser. Contudo, acreditamos não se tratar de um antibergsonismo, mas sim de um *bergsonismo expandido*, capaz de mergulhar na experiência vertiginosa e intensa do nada, do vazio, do sem-tempo, do sem-espço e habitar a precursão sombria de um gênio maligno. Como se estivessem a alertar: o mergulho do eu profundo na duração é também uma experiência terrível, avassaladora, fascinante e poderosa produzida e experimentada pela escrita. Olhar a obscuridade pode ser um caminho para a catatonia da desorganização, a derrocada na loucura. A escrita se faz o meio pelo qual podemos retornar do limbo. Podemos fazer da escrita um *empirismo transcendental*. Eis do que se trata quando se propõe uma tal aproximação do fluxo vivente neste espaço da morte: não perder de vista a dimensão do impulso vital na exploração do neutro; anexar ao bergsonismo uma ontologia da linguagem para além da metáfora e das imagens. Um anexo que não pode ser simples complementação ou mero adendo. Mas algo capaz de oferecer uma nova compreensão do movimento real em sua crueza e obscuridade.

A Escrita e a Exigência Fragmentária

Quando a escrita ingressa na ficção parece nos situar numa superfície imaginária de amenidades irrelevantes, um mundo de fantasias que nada diria respeito à própria realidade. Nada é mais equívoco do que esta proposição. A literatura que se abre à crítica da modernidade nos coloca

⁵² *Ibidem*. “[...] São esses devires e sentimentos intensos, são essas emoções intensivas que alimentam delírios e alucinações. Mas, em si mesmas, elas estão o mais próximo da matéria cujo grau zero investem em si próprias. Elas são as portadoras da experiência inconsciente da morte, já que a morte é o que volta a ser sentido em todo sentimento, é o que não para e não acaba de advir em todo devir – no devir-outro sexo, no devir-deus, no devir-raça etc., formando as zonas de intensidade sobre o corpo sem órgãos. Toda intensidade é portadora, em sua própria vida, da experiência da morte, e a envolve. E, sem dúvida, toda intensidade se extingue ao final, todo devir devém ele próprio um devir-morte!”

⁵³ *Ibidem*.

numa região onde a polaridade do sentido é invertida fazendo com que o real pareça estar mais próximo daquilo que escrevo do que daquilo que vivo. Isto porque é do *sentido* propriamente que se trata, da forma como construímos a rede de significações, ordenações e relações que chamamos de mundo. Por mais firme e seguro que pareça ser o tecido que mantém a existência unida, esta nunca deixará de apresentar suas frestas, fissuras e rachaduras em direção a uma fragmentação universal do real, ao neutro, à exterioridade pura. E o que faz a escrita abrir estas frestas em direção à “matéria neutra” é o *não-sentido*. Uma fissura se instaura na duplicação imaginária, no espaço que se abre ao não-sentido. Algo que murmura, um “objeto gritante” que pulsa deste lugar primeiro da imanência, emerge à superfície. Eis a marca do *ultra realismo* da ficção, onde o fora imaginário se torna o lugar do simbólico por excelência que nos mostra por sua vezo real radical que, por ser inexprimível, fica suspenso na imprecisão e na indecisão, na falta de certeza e na ambiguidade.

Não era possível a Bergson conceber a palavra como experiência imediata da duração, pois ela já era uma espacialização, ou seja, uma depreciação da experiência original e sua intuição. Sabemos que Nietzsche e Bergson se aproximam pela denúncia que fazem do uso simbólico-representativo-conceitual da palavra. Bergson (INTRODUZIR UMA EXPLICAÇÃO), Nietzsche parece apontar para uma forma de se usar as palavras para se chegar ao “real” ao modo do desgaste, do estranhamento: “Não temos linguagem para exprimir o que está no devir [...] Por baixo dessa proteção haveria esse *nada*, ou esse *fundo*, ou esse *Caos*, ou qualquer outra coisa inominável, que Nietzsche não ousava pronunciar”⁵⁴. Müller-Lauter relembra que a efetividade em Nietzsche remete ao *continuum*, aquilo de subterrâneo que acontece sem cessar:

“Infelizmente, não temos nenhuma palavra para designar o que é efetivamente existente[...]” (KSA II.631,40). Quando quer manifestar-se sobre isso, apesar de sua convicção muitas vezes expressa da “incomunicabilidade das concepções últimas” (GA XVI, p. 419), o filósofo tem de se servir tanto das palavras do uso linguístico cotidiano, quanto da linguagem tradicional da metafísica que combate. Assume seus conceitos sem julgar que, com eles, se poderia “compreender” algo por completo. “Não há nenhum caminho que leve do conceito à essência das coisas” (KSA 7.211,7).

[...]

Nietzsche emprega palavras como sujeito, eu, indivíduo, pessoa, como *símbolos* para o que escapa à denominação. E ele os rejeita tão logo pensados como conceitos. O mesmo vale para as palavras com as quais distingue o *modo de ser* do verdadeiramente efetivo: impulso, força, afeto. A palavra “impulso” é só uma tradução, na linguagem do sentimento, do que-não-sente” (KSA 10.250,7). Nunca se constatou uma *força*, mas sempre se afirmaram apenas “efeitos, traduzidos numa linguagem completamente *estranha*” (KSA 12.143,2).⁵⁵

⁵⁴ KLOSSOWSKI, P. *Nietzsche e o Círculo Vicioso*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000. p. 69.

⁵⁵ MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. p. 54 – 55.

O que se passa em Clarice e Blanchot é esta mesma busca pela palavra não simbólica, não conceitual e não representativa que por sua vez atenua o empréstimo inevitável que fazem da linguagem cotidiana remetendo sua tendência à fixidez numa palavra móvel, instável, portadora de um princípio de deslocamento. Uma vez a palavra, ela mesma, tornada coisa, matéria viva do espaço literário, liga de imediato sua condição não-representativa à intuição do ser profundo. De modo que a escrita passará a integrar uma modalidade exótica de ser na região intersticial, neutra, estranha, portadora do materialismo obscuro dos seres que alcança a superfície dos acontecimentos⁵⁶.

Clarice inicia *Água Viva* (1973) anunciando sua expedição em busca da “matéria do tempo”, da “quarta dimensão do instante-já”⁵⁷ e encontrará pelo caminho inevitavelmente o “substrato vibrante da palavra”⁵⁸. Passam por Clarice os dois usos nietzschianos da linguagem descritos por Müller-Lauter: a palavra cotidiana que contempla seu próprio desaparecimento e a conceitualidade metafísica que se desarranja em prol do *continuum*, do murmúrio vital que não cessa. Ora, desarranjar conceitos e elidir representações em direção ao incessante faz proliferar sempre uma nova palavra, uma nova máscara para representar o intempestivo que tão logo usada já é substituída por outra. “Quero poder pegar com a mão a palavra. A palavra é objeto? [...] Sim, quero a palavra última, que também é tão primeira que já se confunde com a parte intangível do real”⁵⁹. Lançar-se na direção do abandono das categorias, das imagens vazias sem representação, é também um mergulho perigoso. A leitura de Clarice cria em nós afetos no limite de uma experiência catastrófica, uma derrocada no vazio e no sem-sentido. “Posso não ter sentido mas é a mesma falta de sentido que tem na vida que pulsa [...] ouve o silêncio. O que te falo nunca é o que te falo e sim outra coisa”⁶⁰.

[...] passarei para o outro lado da vida. Como te dizer? é terrível e me ameaça. Sinto que não posso mais parar e me assusto. Procuro me distrair do medo. Mas há muito já parou o martelar real. estou sendo o incessante

⁵⁶ DELEUZE, G. *A Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 8. “O termo mais alto não é pois o Ser, mas Alguma coisa, *aliquid*, na medida em que subsume o ser e o não-ser, as existências e as insistências. [...] *Eis que agora tudo sobe à superfície*. É o resultado da operação estoica: o ilimitado torna a subir. O devir-louco, o devir-ilimitado não é mais um fundo que murmura, mas sobe à superfície das coisas e se torna impassível. Não se trata mais de simulacros que escapam do fundo e se insinua por toda a parte, mas de efeitos que se manifestam e desempenham seu papel. [...] O mais encoberto tornou-se o mais manifesto, todos os velhos paradoxos do devir reaparecerão numa nova juventude – transmutação. [...] Por um lado o mais profundo é o imediato; por outro, o imediato está na linguagem. O paradoxo aparece como destituição da profundidade, exibição dos acontecimentos na superfície, desdobramento da linguagem ao longo deste limite.”

⁵⁷ LISPECTOR, C. *Op. cit.* 2019a, p. 27.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 28.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 29-30.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 31.

martelar em mim. Do qual tenho que me libertar. Mas não consigo: o outro lado de mim me chama. Os passos que ouço são os meus.⁶¹

Clarice define a sua escrita como fragmentária, mas o que isso significa no interior de sua narrativa? A fragmentação em seu estilo narrativo não vem da disjunção da construção sintática das suas frases, embora também contribua para a fragmentação. Em última instância é o sentido das palavras que foi fragmentado, a estrutura de remissão representativa que funda a comunicação e a racionalidade que se perde. Em *Água Viva* somos arrastados por uma série de signos vazios⁶² que se atropelam uns aos outros, como num caleidoscópio fascinante e vertiginoso (a qual Deleuze chamaria de *escrita estroboscópica*⁶³). Já em *A Paixão segundo GH*, o vazio, o contato com o desmedido e o inominável se faz por uma experiência do grotesco:

É que como um pus subia à minha tona a minha mais verdadeira consistência – e eu sentia isso com susto e nojo que “eu ser” vinha de uma fonte muito anterior à humana e, com horror, muito maior que a humana. [...] A entrada para este quarto [que vibrava em silêncio, laboratório do inferno] só tinha uma passagem, e estreita: pela barata. A barata que enchia o quarto de vibração enfim aberta, as vibrações de seu guizo de cascavel no deserto. Através de dificultoso caminho, eu chegara à profunda incisão na parede que era aquele quarto [...] Meu medo não era de que estivesse indo para a loucura, e sim para uma verdade – meu medo era o de ter uma verdade que eu viesse a não querer, uma vontade infamante que me fizesse rastejar e ser do nível da barata.⁶⁴

O desmoronamento de GH imobiliza no texto um instante intenso em sua experiência de simultaneidade. Sua identidade se desconstitui paulatinamente neste instante dilatado do encontro com o “núcleo da vida” através da massa branca das vísceras da barata esmagada. E apesar de ter se situado neste lugar de não-consciência, houve a narrativa dos diversos instantes da derrocada, das diversas avalanches pela qual seu ser passou até se encontrar com este grande amor pelo inevitável, *fatum*⁶⁵. O que se fragmenta aqui é o próprio núcleo da subjetividade. Em *Água Viva* já não havia mais um eu, um enredo, um núcleo de significação. Clarice conjura a voz neutra incessante, clama à intensidade que lhe atravessa que se manifeste. Em ambos os momentos há uma espera que é desaceleração do tempo e uma febre de paixão feérica. Como a apontar para a imensa tarefa,

⁶¹ *Ibidem*, p. 35.

⁶² KLOSSOWSKI, P. *Op. cit.* p. 57. “Para onde então reflui a intensidade? Ela ultrapassa os limites da rigidez dos signos e tem continuidade, por assim dizer, nos intervalos destes e, desse modo, cada intervalo (logo, cada silêncio) pertence (fora do encadeamento dos signos) às flutuações de intensidade pulsional. [...] Por exemplo, Nietzsche sabe, enquanto redige suas anotações sobre os impulsos, que estes estão agindo nele, mas que não há nenhuma concordância entre as *observações* que ele transcreve e os impulsos que conseguem fazer com que ele as escreva. Mas se ele está consciente do que escreve, é porque, naquele mesmo instante, ele *sabe* não apenas que ignora o que acaba de acontecer *para que* escreva, mas também que deve *ignorar-lo* (se quiser pensar e escrever) [...]”

⁶³ DELEUZE, G. *Op. Cit.* 2005. p. 320.

⁶⁴ LISPECTOR, C. *Op. cit.* 2020, p. 56-57.

⁶⁵ Cf. MARTON, S. *Das Forças Cósmicas aos Valores Humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990. “No *amor fati*, Nietzsche pretende descobrir a “fórmula da grandeza do homem”. Nem conformismo, nem resignação, nem submissão passiva: *amor*, nem lei, nem causa, nem fim: *fatum*. Converter o impedimento em meio, o obstáculo em estímulo, o adversário em aliado é afirmar, com alegria, o acaso e a necessidade ao mesmo tempo; é dizer sim à vida” p. 223.

trágica, irrealizável, de fazer falar o não idêntico mantendo a escrita e o próprio eu no umbral da passagem da indeterminação ao determinado.

Em *A Conversa Infinita* (1969) Blanchot apresenta alguns postulados sobre a escrita fragmentária. Diz Blanchot: “A fala de fragmento ignora a suficiência, ela é insuficiente, ela não se diz com vistas a si própria, ela não tem o seu conteúdo por sentido. Mas tampouco compõe com outros fragmentos para formar um pensamento mais completo”⁶⁶. A fala fragmentária não é uma fala aforismática que deseja imobilizar, subsumir, definir suficientemente um pensamento em um curto conjunto de frases. Pelo contrário, o que caracteriza a escrita e a fala fragmentária é a sua insuficiência. “[...] entra no espaço do fragmentário, assume o risco de um pensamento que não garante mais a unidade”⁶⁷. E esta exigência, força de dissolução, é o núcleo do que em Nietzsche se concebe como *Übermensch*, ou o *Além-do-Homem*. Blanchot enfatiza, em sua perspectiva do pensamento nietzschiano, que não se trata do advento de um novo homem, mas sim de fazer esse algo que se chama homem desaparecer, encontrar como sua essência o desaparecimento.⁶⁸

A fala do fragmento ignora as contradições, mesmo quando contradiz. Dois textos fragmentários podem opor-se, eles se situam, no entanto, um após o outro, um sem relação com o outro, um relacionado ao outro por esse branco indeterminado que não os separa, não os reúne, leva-os ao limite que designam e que seria o seu sentido se precisamente eles não escapassem aí, hiperbolicamente, a uma fala de significação. O fato de ser situado assim, sempre *no limite* dá ao fragmento dois traços diferentes: fala de afirmação e não afirmando nada além desse mais e desse excedente de uma afirmação estranha à possibilidade – e no entanto de modo algum caracteriza nem tampouco fixa em uma certeza, nem situada numa positividade relativa ou absoluta, ainda menos dizendo de maneira privilegiada o ser ou dizendo-se a partir do ser, mas antes apagando-se já, deslizando para fora de si própria, deslizamento que a reduz a si própria, no murmúrio neutro da contestação.⁶⁹

Vemos aqui, mais uma vez o ponto de contato entre Blanchot e Clarice ao redor de Nietzsche. Situar-se na exigência fragmentária, na descontinuidade, é antes encontrar uma fala que se lance para fora de si própria, que seja afirmação pura de seu próprio excesso. Fala a-significante que existe como concretização do afeto que ela faz emergir, mas também como experiência do vazio essencial e neutro. Neutro porque o que se abre ao escritor é este lugar nem positivo nem negativo, nem aberto, nem fechado, esta indecisão fundamental de onde a indeterminação produz sua criação. Silêncio paradoxal de onde emana a voz da universalidade vazia que se escreve, o murmúrio, a fala incessante. Aqui a fragmentação atualiza a indeterminação na captura fugidia do

⁶⁶ BLANCHOT, M. *A Conversa Infinita 2: a experiência limite*. São Paulo: Escuta, 2007, p. 115

⁶⁷ *Ibidem*, p. 116.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 121. “O homem desaparece, é uma afirmação. Mas essa afirmação imediatamente se desdobra em questão. O homem desaparece? E aquilo que nele desaparece, a desapareição que ele leva e que o leva, liberará o saber, liberará a linguagem das formas, das estruturas ou das finalidades que definem o espaço de nossa cultura? Em Nietzsche, a resposta cai com uma decisão quase terrível, e, no entanto, ela também se retém, fica em suspenso.”

⁶⁹ *Ibidem*, p. 117

instante. Fragmentação é, pois, o resultado último da escarnificação da palavra. Encontrar do outro lado o Deserto, o Vazio, o Real, o Neutro – outra extensão, outra duração. Por meio da literatura, Blanchot e Clarice dão exemplo deste outro campo do pensamento onde a impossibilidade de pensar é a condição de possibilidade do pensamento: *je pense, donc je ne suis pas*⁷⁰.

São poucos os autores que não apenas compreenderam o *Übermensch*, mas que também encontraram nele o seu lugar próprio. Além-do-homem é menos um além do que um aquém, uma neutralidade que antecede o humano, que não se pode determinar. Lidar com este grau de indeterminação é endereçar a escrita a um por vir, trazer do abismo os devires nos quais o ser humano possa não apenas se desrealizar, mas encontrar a raiz do desaparecimento universal pela escrita. Quando se é feita a questão: para onde vai a literatura, Blanchot responde sempre indubitavelmente: para o seu desaparecimento constitutivo, imanente. Seu processo entrópico, sua região de retorno à indeterminação que lhe é fonte infinita e inalcançável. Falávamos há pouco que a escrita era uma espécie de redenção possível da derrocada no abismo, de um breve espaço do possível no real, de retorno, de função narradora capaz de dar vazão ao excesso, codificar o incodificável. Lugar onde se é possível criar genuinamente, experimentar, desdobrar novas ideias, novos pensamentos. Não uma literatura para aplicar modelos e regras de lógica, identidade e representação, pois com suas obras Clarice e Blanchot desidentificam e desorientam os paradigmas clássicos e modernos do pensamento e da arte.

Resultados Esperados:

Uma análise filosófico-literária comparada demanda um desenho, um diagrama das linhas de força e relações possíveis entre Blanchot e Clarice. Nossa hipótese investigativa se divide em três eixos explanatórios: a) o *plano de imanência* dos postulados estético-ontológicos da criação literária. A literatura de Clarice parece ter uma forte presença filosófica de Espinosa, de Bergson, do existencialismo e sobretudo de Nietzsche, o qual exerce uma força de tração sobre os outros em direção ao indeterminado e ao intempestivo. Blanchot sai da filosofia heideggeriana também em direção a este lugar mais nietzschiano no qual o pensamento se coaduna aos escritores que por meio da narrativa operaram a crise da modernidade e da representação. Esta relação filosófico-literária própria do pós IIª guerra cria a consistência pela qual Blanchot e Clarice entrarão na companhia um do outro. b) O segundo eixo é o *vitalismo obscuro*, aprofundando a hipótese de uma dimensão da

⁷⁰ BLANCHOT, *Op. Cit.* 1950, p. 114-115.

experiência em que o vitalismo bergsonista se alarga em direção a uma desorganização fundamental do ser, “sem-espaço”, “sem-tempo”. Em Blanchot tal vitalismo aparecerá na forma do paradoxo e na ambiguidade entre vida e morte, região de um espaço criador, *extra-ser* segundo a *Lógica do Sentido* de Deleuze, e em Clarice por um materialismo intensivo, uma produtividade subterrânea e excessiva que também é possível correlacionar à ideia de corpo-sem-órgãos presente na filosofia da diferença. c) O terceiro eixo trata das características da *produtividade fragmentária da escrita* quando voltada para a dimensão intempestiva do instante, dos dados imediatos e do princípio de desaparecimento. Este último eixo pode deslindar a compreensão do conceito fundamental de *neutro* em suas rupturas e continuidades em relação aos pensadores que os trabalharam e o papel fundamental de Clarice para sua interpretação.

A partir deste percurso acreditamos ser possível elucidar a intertextualidade filosófico-literária em Clarice Lispector e Maurice Blanchot, os procedimentos da escrita fragmentária no bojo da ideia de *neutro* como conceito comum entre eles e a filosofia da diferença. Por fim, a compreensão de um paradigma estético-literário da crise da subjetividade moderna na esteira do vanguardismo ou ao menos uma compreensão dos postulados da criação literária tal como se estabeleceu após a IIª guerra mundial bem como o que ela lega para a produtividade filosófico-literária atual.

Isso posto, vislumbramos quatro artigos a serem escritos no decorrer da pesquisa, um a cada semestre, com as seguintes temáticas transversais a Clarice e Blanchot: o materialismo diferencial e a imanência; a filosofia do instante e a temporalidade da escrita; a ontologia da linguagem e do não sentido; por fim o conceito de neutro e a escrita fragmentária. Vemos ainda a possibilidade de desenvolver no bojo desta pesquisa os temas da animalidade e do além-do-homem e o aprofundamento do conceito de noite e sua relação com a escola do simbolismo.

Desafios científicos e tecnológicos e os meios e métodos para superá-lo:

Relacionar o campo teórico crítico ao campo experimental da escrita é o primeiro desafio a ser enfrentado. O método de investigação comparada que propomos buscará compreender as rupturas e continuidades entre Blanchot e Clarice, traçar as linhas de força e as linhas de fuga de seus escritos. Para tanto de autores como Gilles Deleuze, Emanuele Coccia, Bento Prado Júnior entre outros poderão ser utilizados por vezes como articuladores entre os níveis de experiência

postos numa interpretação coerente com o objeto em questão para se sustentar tal pensamento insurgente deste vitalismo outro presente em ambos os autores.

O segundo desafio consistirá na implicação interpretativa de um pensamento no outro, ou seja: em que medida Maurice Blanchot pode nos ajudar a compreender e interpretar Clarice Lispector e, ainda mais, em que medida Clarice Lispector nos ajuda a compreender e interpretar Maurice Blanchot. Suas obras são contemporâneas umas das outras, bem como suas referências literárias são partilhadas. Mas é ao nível conceitual que a análise comparada parece ser mais enriquecedora, onde os paralelismos e similitudes deslindam a tarefa interpretativa, como no caso do conceito de neutro. Utilizaremos como ponto de partida para a análise as obras *Perto do Coração Selvagem*, *A Paixão segundo G.H.* e *Água Viva* em Clarice Lispector e *A Parte do Fogo*, *O Espaço Literário*, *O Livro por Vir* e *A Conversa Infinita* em Maurice Blanchot. Lançaremos mão de outras obras conforme a pesquisa apresente a necessidade.

Cronograma: (2023\24 – 2025\26)

<i>1º Semestre</i>	<i>2º Semestre</i>	<i>3º Semestre</i>	<i>4º Semestre</i>	<i>5º Semestre</i>	<i>6º Semestre</i>
<ul style="list-style-type: none"> - Consolidação do percurso Bibliográfico - Leitura e análise das fontes - Escrita, revisão e submissão do Artigo 1 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura e análise de fontes bibliográficas - Participação em eventos acadêmicos - Escrita, revisão e submissão do Artigo 2 	<ul style="list-style-type: none"> - Previsão de realização de Estágio no exterior 	<ul style="list-style-type: none"> - Previsão de realização de Estágio no exterior 	<ul style="list-style-type: none"> - Participação em eventos acadêmicos - Escrita, revisão e submissão do Artigo 3 - Proposição de Curso\Seminário 	<ul style="list-style-type: none"> - Escrita, revisão e submissão do Artigo 4 - Organização de colóquio sobre Blanchot - Escrita do Relatório de supervisão.

Disseminação e Avaliação:

Além da escrita e publicação de no mínimo 4 artigos ao longo desta pesquisa, temos o objetivo de participar de um evento acadêmico por semestre para a divulgação dos resultados parciais de nosso estudo. Também elaboraremos curso ou seminário sobre nosso tema a ser ofertado

no Programa de Pós Graduação segundo as regras do departamento. Organizaremos um colóquio online sobre a pesquisa em Maurice Blanchot e a Filosofia no Brasil. Os resultados parciais de pesquisa serão discutidos em reuniões do Grupo de Pesquisa da Filosofia da Diferença (GPDF\Unifesp), do qual o candidato é membro desde 2012, bem como em outros fóruns pertencentes ao departamento e nos congressos de expressão tanto da área da Filosofia como da Literatura. Por fim, pretendemos que o relatório final do pós-doutoramento enseje a publicação de um livro contendo os artigos elaborados durante a pesquisa somados aos resultados finais apresentados no relatório de supervisão.

Bibliografia Geral

- BIDENT, C. “A grande neutralidade viva: sobre Clarice Lispector”. (trad. Rodrigo Ielpo) In: *Anacronismos*, 7 Letras, Rio de Janeiro, Brasil, 2011, p.25-38
- BLANCHOT, M. *A Conversa Infinita 2: a experiência limite*. São Paulo: Escuta, 2007.
- _____. *A Parte do Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011a.
- _____. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b.
- _____. *O Livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Thomas, L’Obscur*. Paris, Gallimard, 1950.
- CIXOUS, H. *A Hora de Clarice Lispector*. Trad. Márcia Bechara. São Paulo, Editora Nós, 2022.
- COCCIA, E. *A Vida Sensível*. Trad. Diego Cervelin. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010.
- CONFORTIN, R. *Teatralidade e Gestualidade em Clarice Lispector e Maurice Blanchot*. Tese. Florianópolis: UFSC, 2009.
- CURADO, M. G. *Interfaces Estéticas em Clarice Lispector*. Goiânia: Editora UFG, 2010.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O Anti Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, G. “Hélène Cixous ou a escrita estroboscópica” In *A Ilha Deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- _____. “Imanência, uma vida...” Trad. Sandro Kobol Fornazari. *Limiar*, vol.2, nº4 – 2016.
- _____. “O Método de Dramatização” In *Ilha Deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- _____. *A Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

- FERRAZ, A.H.S. “De um bergsonismo sem duração, sem memória, sem élan” In: *Para uma Estética do Desaparecimento em Maurice Blanchot: a diferença interna da morte, a forma vazia do tempo e como Gilles Deleuze empregou estes conceitos*. Tese. Guarulhos: Unifesp, 2018.
- FILHO, E. A. A. & CASAL, A. M. “Experiência interior, experiência-limite: escrever sob atração do impossível pensamento do desastre” In: *Guarapuava*. nº 1, v. 2. 2011.
- FOUCAULT, M. “Entretien avec Michel Foucault” In: *Dits et Écrits IV*. Paris: Gallimard, 1994.
- GUERON, R. “O Pássaro Duchaniano de Deleuze e Guattari” In: *Trágica: estudos de filosofia da Imanência* v. 8, n. 3, 2015.
- KLOSSOWSKI, P. *Nietzsche e o Círculo Vicioso*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.
- LACAN, J. *O Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise (1954-1955)*. (O Seminário, 2). Trad. Maria Cristine Lasnik Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LISPECTOR, C. *A Paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- _____. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019b.
- _____. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro, Rocco, 2019b.
- MARTENDAL, A. *A Escrita no Limiar do Sentido*. São Paulo: Escuta, 2007.
- MARTON, S. *Das Forças Cósmicas aos Valores Humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.
- NASCIMENTO, E. *Clarice Lispector, uma Literatura Pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- NUNES, B. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quiron. 1989.
- PAVINI, R. “O “Desaparecimento do Autor” Como Abertura Para o Pensamento em Blanchot e Foucault”. In: *Dissertatio*, nº54, 2021.
- RAMOS, S. S. “Merleau-Ponty e Simondon: sobre o animal e o humano”. In: *Revista Dois Pontos*. v. 16, nº 3. Curitiba, São Carlos: UFPR\UFSCAR, 2019.
- ROSENBAUM, Y. *Metamorfoses do Mal: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Edusp, 2006.
- SCHUBACK, M. S. C. *Atrás do Pensamento: A Filosofia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.
- SEBASTIÃO, A. K. A. “A Paixão do Neutro” In: *Revista Escrita*. nº50425. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2020. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_escrita.php?NrSecao_Art=Artigos&fas=28942&conteudo=23041&strSecao=show12&NrSecao=11

- SKEIKA, J. A. “O Funcionamento da Ideia de Corpo Sem Órgãos em uma Linguagem Esquizofrênica em *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector”. In: *Revista Escrita*. nº23041. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=50425@3>
- STAROBINSKI, J. “Thomas L’Obscur, Chapitre Premier”. In *Critique*. nº 229, Paris: Editions de Minuit, 1966.
- STERZI, E. “Nas Ruínas do Pensamento” In: *Hilda Hilst*. Museu da Cidade, Fascículo 16. Porto, 2021. p. 300 – 309.
- VARIN, C. *Línguas de Fogo: ensaio sobre Clarice Lispector*. Trad. Lúcia Peixoto Cherem. São Paulo: Limiar, 2022.
- WASSERMAN, R. “Clarice Lispector e o Misticismo da Matéria” In: *Clarice Lispector: novos aportes críticos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana. 2007.

Obras de Clarice Lispector em ordem cronológica

- LISPECTOR, C. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro: A Noite, 1944.
- _____. *O Lustre*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1946.
- _____. *A Cidade Sitiada*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1948.
- _____. *Laços de Família*. São Paulo: Francisco Alves Editora, 1960.
- _____. *A Maçã no Escuro*. Rio de Janeiro: Livraria F. Alves, 1961.
- _____. *A Legião Estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.
- _____. *A Paixão Segundo G.H.* Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.
- _____. *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1969.
- _____. *Felicidade Clandestina: Contos*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1971.
- _____. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1973.
- _____. *Imitação da Rosa*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1973.
- _____. *A Via Crucis do Corpo*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1974
- _____. *Onde Estivestes de Noite*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1974.
- _____. *Visão do Esplendor: Impressões Leves*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1975.
- _____. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1977.
- _____. *Para não Esquecer*. São Paulo: Editora Ática, 1978.

_____. *Um Sopro de Vida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978.

Obras de Maurice Blanchot em ordem cronológica

BLANCHOT, M. *Thomas, l'Obscur*. Paris: Gallimard, 1941.

_____. *Faux Pas*. Paris: Gallimard, 1943.

_____. *La Part du Feu*. Paris: Gallimard, 1949a.

_____. *Lautreamont et Sade*. Paris: Editions de Minuit, 1949b.

_____. *Au Moment Voulu*. Paris: Gallimard, 1951a.

_____. *Le Ressassement Eternel*. Paris: Editions de Minuit, 1951b.

_____. *L'Espace Littéraire*. Paris: Gallimard, 1955.

_____. *Le Dernier Homme*. Paris: Gallimard, 1957.

_____. *Le Livre à Venir*. Paris: Gallimard, 1959.

_____. *L'Attente, l'oubli*. Paris: Gallimard, 1962.

_____. *L'Entretien Infini*. Paris: Gallimard, 1969.

_____. *L'Amitié*. Paris, Gallimard, 1971.

_____. *La Folie du Jour*. Paris: Fata Morgana, 1973.

_____. *Le Pas Au-Delá*. Paris: Gallimard, 1973.

_____. *L'écriture du Desastre*. Paris: Gallimard, 1980.

_____. *Aprés Coup*. Paris: Editions de Minuit, 1983a.

_____. *La Communauté Inavouable*. Paris: Editions du minuit, 1983b.

Bibliografia Crítica sobre Clarice Lispector

ALMEIDA, J. R. *A experimentação do grotesco em Clarice Lispector: ensaios sobre literatura e pintura*. São Paulo: EDUSP, 2005

AMARAL, E. *O leitor segundo G.H.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ARÊAS, V. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CÂNDIDO, A. "Clarice Lispector: no começo era de fato o verbo". In: *A paixão segundo G. H.* Edição crítica coordenada por Benedito Nunes. São Paulo: Edições UNESCO/Edusp, 1988.

CIXOUS, H. *A Hora de Clarice Lispector*. Trad. Márcia Bechara. São Paulo, Editora Nós, 2022.

CURADO, M. G. *Interfaces Estéticas em Clarice Lispector*. Goiânia: Editora UFG, 2010.

FRANCESCHINI, M. A. *Oblíquo e fortuito ao mesmo tempo sutilmente fatal: o kháos como*

- instrumento literário em *Água viva*, de Clarice Lispector. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2019.
- GONÇALVES, V. P. “Clarice Lispector e Stéphane Mallarmé: a orquestração do rumor”. *Revista Criação & Crítica*, (9), 2012, 187-199.
- GURGEL, G. L. *A procura da palavra no escuro: Uma análise da criação de uma linguagem na obra de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001
- HEGENBERG, I. A. *Clarice Lispector e os limites da linguagem :uma leitura interdisciplinar do romance Água viva*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2016.
- INÁCIO, A. E. *O indizível como expressão de uma ultrapassagem: acontecimento e resolução em A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2018.
- LEITE, C. A. *Da moral à ética: o percurso filosófico em A paixão segundo G.H.* Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2018.
- LEITE, L. C. M. “Mulheres, galinhas e mendigos: Clarice Lispector, contos em confronto”. In: *Vozes femininas: gêneros, mediações e práticas da escrita*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003
- LEITE, L. C. M. *O Foco Narrativo*. 10ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- MARTENDAL, A. *A Escrita no Limiar do Sentido*. São Paulo: Escuta, 2007.
- MOREIRA, S. R. F. *Água Viva: uma narrativa em mosaico*. 2011. 104 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2011.
- MOSER, B. *Clarice, uma biografia* Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- NASCIMENTO, E. *Clarice Lispector, uma Literatura Pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- NOR, G. R. *Imagens de espelho em Clarice Lispector: entre reflexos e passagens*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2012.
- NUNES, B. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quiron. 1989.
- PLASTINO, G. O discurso da falta em Clarice Lispector: "Laços de família". Osasco: EDIFIEO, 2008.
- PONTIERI, R. L. “A difícil epifania do outro”. [Apresentação]. In: *A via crucis do outro: identidade e alteridade em Clarice Lispector*. São Paulo: Humanitas. 2005
- RONCADOR, S. *Poéticas do empobrecimento: a escrita derradeira de Clarice*. Capa. Sônia Roncador. Annablume, 2002
- ROSENBAUM, Y. *Metamorfoses do Mal: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Edusp, 2006.

ROSENBAUM, Y. "O Eu tornado Outro: estranhamento em A Paixão Segundo G.H. e o conto "A quinta história", de Clarice Lispector". Comunicação oral apresentada no evento comemorativo dos 50 anos de A paixão segundo G.H, realizada pelo Instituto Moreira Sales no Rio de Janeiro em 10 de dezembro de 2014. <
https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewig_tSO2OeAAxUcI7kGHeypC5AQFnoECCkQAQ&url=https%3A%2F%2Fedisciplinas.usp.br%2Fmod%2Fresource%2Fview.php%3Fid%3D2678577&usg=AOvVaw1m-Kja8MO_dMGtBeUADMzf&opi=89978449> Acesso em 18\8\23.

SÁ, O. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

SÁ, O. *Clarice Lispector: A Travessia Do Oposto*. São Paulo: Annablume, 2004

SANCHES, E. F. *Clarice Lispector e a Psicanálise: diálogos possíveis*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2019.

SANCHES, E. F. *Os paradoxos do desamparo: uma leitura de Perto do coração selvagem de Clarice Lispector*. Dissertação de Mestrado. USP, 2012.

SANTOS, B. M. *A persistência das sombras: sonhos, devaneios e lembranças em O Lustre, de Clarice Lispector*. Dissertação de Mestrado. USP, 2016.

SCHMIDT, R. (Org.). *A ficção de Clarice: nas fronteiras do (im)possível*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2003.

SIQUEIRA, J. S. *À procura de objetos gritantes: um estudo da narrativa de Clarice*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2008.

STERZI, E. "Nas Ruínas do Pensamento" In: *Hilda Hilst*. Museu da Cidade, Fascículo 16. Porto, 2021. p. 300 – 309.

TEIXEIRA, C. M. *A poética do instante: uma leitura de Água Viva, de Clarice Lispector*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2001.

VARIN, C. *Línguas de Fogo: ensaio sobre Clarice Lispector*. Trad. Lúcia Peixoto Cherem. São Paulo: Limiar, 2022.

WALDMAN, B. *Clarice Lispector: a paixão segundo C.L.* São Paulo: Escuta, 1993.

ZILBERMAN, R.; VIEIRA, N. (orgs). *Clarice Lispector: A narração do indizível*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

ZORZANELLI, R. T. *"Esboços não acabados e vacilantes": despersonalização e experiência subjetiva na obra de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2006.

Bibliografia Crítica sobre Maurice Blanchot

- BATAILLE, G. “Ce monde où nous mourrons”. In: HOPPENOT, Eric. & RABATÉ, Dominique. (orgs) *Cahier de l’Herne; Maurice Blanchot*. Paris: Editions de L’Herne, 2014. pp. 209-214.
- ANTONIOLI, M. “Blanchot et Michel Foucault: Hétérotopies”. In: HOPPENOT, Eric. (Org.) *Maurice Blanchot, de Proche en Proche*. Paris: Editions Complicités, 2008. pp. 131 - 151.
- BIDENT, C. “The Movements of the Neuter”. In: HILL, Leslie. *After Blanchot: literature, criticism, philosophy*. Crambury, New Jersey: University of Delaware Press, 2005. pp. 13-34.
- BRUNS, G. “Ontology of the Work of Art in Maurice Blanchot’s Poetics”. In: HART, Kevin. *The Power of Contestation: Perspectives on Maurice Blanchot*. Baltimore, Maryland: John Hopkins University Press, 2004. pp. 121-140.
- CALIN, A. “Le pouvoir des mots: autour de Thomas l’Obscur”. In: HOPPENOT, Eric & MILON, Alain. (orgs). *Maurice Blanchot entre Roman et Récit*. Nanterre: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2014. pp. 71-93.
- CARDOSO, D. B. *A Questão do Sentido na Ficção de Maurice Blanchot*. Tese. Universidade de Brasília, 2014.
- CHOPLIN, H. *Chercher em silence avec Maurice Blanchot*. Paris: L’Harmattan, 2013.
- _____. “La nuit transforme-t-elle la pensée? À partir de Maurice Blanchot”. In: HOPPENOT, Eric & MILON, Alain. (orgs). *Maurice Blanchot et la Philosophie*. Nanterre: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2010. pp. 191-210.
- _____. “L’Enfance de la Philosophie – à partir des déconstructions”. In: *Revue de Métaphysique et Morale*. Avril 2015 v°2 (trimestral). Paris: PUF, 2015. pp. 291-204
- COLLIN, F. “La pensée de l’écriture: différance et/ou événement. Maurice Blanchot entre Derrida et Foucault”. In: *Revue de Métaphysique et Morale*. Avril 2015 v°2 (trimestral). Paris: PUF, 2015. pp. 167-179.
- _____. *Maurice Blanchot et la question de l’écriture*. Paris: Gallimard, 1971.
- COOLS, A. “Reflexions sur l’exigence fragmentaire”. In: HOPPENOT, Eric. & RABATÉ, Dominique. (orgs) *Cahier de l’Herne; Maurice Blanchot*. Paris: Editions de L’Herne, 2014. pp. 362-369.
- FOUCAULT, M. “La Pensée du Dehors”. In: *Critique*. vol. XXII, núm. 229. Paris: Editions de Minuit, 1966.
- GASCHÈ, R. “The facilities of paradox: Blanchot on the null-space of literature”. In: GILL, C. (org) *The demand of writing*. Londres, Routledge, 1996. pp. 34-69.
- GRAY, L. “Sacred atheism: Pre-empting Death by Prolonging the death sentence”. In: KHATAB, Rhonda (org). *Blanchot, the Obscure: Colloquy text theory critique 10*. Melbourne: Monash University, 2005. pp. 181-208
- GROSSMAN, É. “L’Impensable, la pensée”. In: BIDENT, Christopher & VILAR, Pierre (orgs). *Maurice Blanchot; Récits Critiques*. Tours: Farrago, 2003. pp. 69-76.
- _____. “Les Anagrammes de Blanchot”. In: *Europe, revue littéraire mensuelle*. N° 940-941,

- Agosto – Setembro 2007. pp. 61-73
- HART, K. “The conter-spiritual Life”. In: HART, Kevin. *The Power of Contestation: Perspectives on Maurice Blanchot*. Baltimore, Maryland: John Hopkins University Press, 2004. pp. 156-179.
- _____. *The Dark Gaze*. Chicago: University Chicago Press, 2004.
- _____. “The Neutral Reduction: Thomas l’obscur”. In: HART, Kevin (org.). *Clandestine Encounters: Philosophy in the narratives of Maurice Blanchot*. Notre Dame, University of Indiana Press, 2010. pp. 61-90.
- _____. “Une Reduction Infinie”. In: HOPPENOT, Eric. & RABATÉ, Dominique. (orgs) *Cahier de l’Herne; Maurice Blanchot*. Paris: Editions de L’Herne, 2014. pp. 326-328.
- HEWSON, Mark. *Blanchot and Literary Criticism*. Continuum, 2011.
- HILL, Leslie & NELSON, Brian (orgs). *After Blanchot: literature, criticism, philosophy*. Crambury, New Jersey: University of Delaware Press, 2005. pp. 58-79.
- HILL, Leslie. ““An autstretched hand...”: from Fragment to Fragmentary”. In: KHATAB, Rhonda (org). *Blanchot, the Obscure: Colloquy text theory critique 10*. Melbourne: Monash University, 2005. pp. 282-297.
- _____. “D’un nihilism presque infini”. In: BIDENT, Christopher & VILAR, Pierre (orgs). *Maurice Blanchot; Récits Critiques*. Tours: Farrago, 2003. pp. 377-394.
- _____. “A Fragmentary demand”. In: HART, Kevin. *The Power of Contestation: Perspectives on Maurice Blanchot*. Baltimore, Maryland: John Hopkins University Press, 2004. pp. 101-120.
- _____. *Bataille, Klossowski, Blanchot: Writing at the Limit*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- _____. *Blanchot: Extreme Contemporary*. Warwick: Routledge, 2002.
- _____. “Le tournant du fragmentaire”. In: *Europe, revue littéraire mensuelle*. N° 940-941, Agosto – Setembro 2007. pp. 64-84.
- _____. *Maurice Blanchot and Fragmentary Writing*. A Change of Epoch. Continuum, 2012.
- HOLLAND, Michael. *Avant Dire: essais sur Blanchot*. Paris: Hermann, 2015.
- _____. “Blanchot et la sortie du Nihilisme”. In: *Cahier Maurice Blanchot* v. 1. Paris: Les Presses du Réel, 2011.
- _____. “D’un retour au tournant”. In: ANTELME, Monique. *Blanchot dans son siècle; Colloque de Cerisy*. Lyon: Sens Publique, 2009. pp. 317-330.
- _____. “Space and Beyond: L’attente, L’oubli”. In: HART, Kevin (org.) *Clandestine Encounters: Philosophy in the narratives of Maurice Blanchot*. Notre Dame, University of Indiana Press, 2010. pp. 263.
- HOPPENOT, Eric. “Blanchot et la Écriture Fragmentaire: “Le Temps de l’Absence de Temps””. In: HOPPENOT, Eric. (Org.) *L’Épreuve du temps chez Maurice Blanchot*. Paris: Editions Complicités, 2006. pp. 21-36
- _____. “Écriture et Fatigue dans les ouvres de Barthes et Blanchot”. In: HOPPENOT, Eric. (Org.) *Maurice Blanchot, de Proche en Proche*. Paris: Editions Complicités, 2008. pp.

175-192.

- HUNAULT, C. *Des choses absolument folles*. Bruxelles: EME, 2012
- LAPORTE, Roger. “Le oui, le non, le neutre”. In: *Critique*. vol. XXII, núm. 229. Paris: Editions de Minuit, 1966. pp. 579-590.
- LAUS, Thierry. “La parole infinie, “Cela ne s’achève pas””. In: HOPPENOT, Eric & MILON, Alain. (orgs). *Emmanuel Levinas-Maurice Blanchot, Penser la Différence*. Nanterre: Presses universitaires de Paris Ouest, 2008. pp. 452-460.
- LÉVESQUE, Claude. *L'étrangéité du texte*. Essai sur Nietzsche, Freud, Blanchot et Derrida. Sem local: 10 18, Union National des Editions, 1978.
- LISKA, Vivian & COOLS, Arthur. “The Glory and the Abyss: Le Ressassement Eternel”. In: HART, Kevin (org.) *Clandestine Encounters: Philosophy in the narratives of Maurice Blanchot*. Notre Dame, University of Indiana Press, 2010. pp. 32-60
- LISSE, Michel. “Le paradoxe du fragmente”. In: *Revue de Métaphysique et Morale*. Avril 2015 v°2 (trimestral). Paris: PUF, 2015. pp. 205-214.
- MANOURY, Daiana. “Le neutre blanchotien, reflet et réflexions à partir de l’Amitié.” In: HOPPENOT, Eric & MILON, Alain. (orgs). *Maurice Blanchot et la Philosophie*. Nanterre: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2010. pp. 237-251.
- MICHAUD, Stéphane. “Blanchot lecteur de Nietzsche et de Rilke, ou la poésie comme parole du commencement et serment de l’avenir”. In: BIDENT, Christopher & VILAR, Pierre (orgs). *Maurice Blanchot; Récits Critiques*. Tours: Farrago, 2003. pp. 177-192.
- MILON, Alain. “Blanchot et Merleau-Ponty: autour de l’(im)possible nomination”. In: *Revue de Métaphysique et Morale*. Avril 2015 v°2 (trimestral). Paris: PUF, 2015. pp. 179-190.
- _____. “L’expérience limite: le discontinu de la nomination.” In: HOPPENOT, Eric. & RABATÉ, Dominique. (orgs) *Cahier de l’Herne; Maurice Blanchot*. Paris: Editions de L’Herne, 2014. pp. 356-362.
- _____. “La Fabrication de l’écriture à l’épreuve du temps”. In: HOPPENOT, Eric. (Org.) *L’Épreuve du temps chez Maurice Blanchot*. Paris: Editions Complicités, 2006. pp. 9-20.
- _____. “Le Fragment ou la strangulation de l’écriture.” In: HOPPENOT, Eric & MILON, Alain. (orgs). *Maurice Blanchot entre Roman et Récit*. Nanterre: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2014. pp. 304-320.
- MONTEIRO, Hugo. “Le neutre dans les limites de la philosophie”. In: HOPPENOT, Eric & MILON, Alain. (orgs). *Maurice Blanchot et la Philosophie*. Nanterre: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2010. pp. 222-236.
- NANCY, Jean-Luc. “Le neutre, la neutralization du neuter”. In: *Cahier Maurice Blanchot*. v.1 Paris: Les Presses du reel, 2011.
- POLLIN, Karl. “Erotisme et neutralité”. In: *Europe, revue littéraire mensuelle*. N° 940-941, Agosto – Setembro 2007. pp. 49-60.
- POPOVICS, Zoltán. ““Counter-time”: A non-dialectical Temporality in the Works of Maurice Blanchot”. In: KHATAB, Rhonda (org). *Blanchot, the Obscure: Colloquy text theory critique 10*. Melbourne: Monash University, 2005. pp. 42-56.

- PRELI, G. *La force du dehors*. Exteriorité, limite et non-pouvoir à partir de Maurice Blanchot. Paris: Editions Recherches, 1977
- REGNIER, Thomas. “La question du nihilisme”. In: *Europe, revue littéraire mensuelle*. N° 940-941, Agosto – Setembro 2007. pp. 16-19.
- SANDRAS, Michel. “Blanchot, Lecteur de Mallarmé”. In: BIDENT, Christopher & VILAR, Pierre (orgs). *Maurice Blanchot; Récits Critiques*. Tours: Farrago, 2003. pp. 77-88.
- SCHULTE-NORDHOLT, Annelise. *Blanchot: L'écriture comme pensée du dehors*. Genebra, Droz, 1995
- ZARADER, Marlène. *L'être et le neutre: À partir de Maurice Blanchot*. Lagrasse: Verdier: 2001